

Fotografia como dispositivo de subjetivação de um corpo feminino transsexual: Ruddy, a maravilhosa, e o glamour no carnaval carioca¹

Marcus Antônio Assis LIMA²

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, BA

RESUMO

Este trabalho analisa a trajetória de Ruddy, uma transsexual multifacetada no Brasil das décadas de 1970 a 1990, que atuou como cabeleireira, escritora, atriz e celebridade. A pesquisa se concentra na análise de fotografias de Ruddy durante o carnaval carioca presentes em suas autobiografias, utilizando uma "queer-análise" para entender como essas imagens contribuem para a construção de sua identidade feminina. O estudo explora a performatividade de gênero na vida de Ruddy e como ela enfrentou questionamentos sobre sua identidade sexual ao longo de sua jornada. A pesquisa destaca a importância de considerar as políticas do corpo e a interseccionalidade nas experiências de pessoas trans. **PALAVRAS-CHAVE:** Ruddy; Transsexualidade; Identidade de gênero; Literatura trans, Carnaval.

INTRODUÇÃO

Ruddy foi uma figura multifacetada no Brasil, atuando como cabeleireira, escritora, atriz e celebridade midiática durante as décadas de 1970 a 1990. Nascida em uma família abastada de fazendeiros em Minas Gerais, ela se mudou para Belo Horizonte quando seu pai enfrentou falência financeira. Durante a adolescência, iniciou sua transição de gênero, começando a se travestir e frequentando a zona de prostituição da capital mineira. Foi nesse ambiente que ela adquiriu habilidades profissionais, especificamente em cortar e cuidar dos cabelos das prostitutas, o que, de forma irônica, abriu as portas dos salões da sociedade mineira, carioca, nacional e internacional, possibilitando um sucesso financeiro, social e artístico extraordinário para uma transsexual naquela época. (Chaves, 2021).

Quando se analisa a produção literária ficcional de autoria trans no Brasil, Ruddy se destaca. Em 1980, ela estreou na cena literária com a obra poética "Eu, Ruddy". No entanto, como apontado por Amara Moira em um artigo para o Suplemento do Diário de Pernambuco, é importante considerar que, naquela época, a autora ainda não se

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estéticas, Políticas do Corpo e Interseccionalidades, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Doutor em Estudos Linguísticos. Professor Pleno, email: malima@uesb.edu.br.

reconhecia como mulher nem abordava explicitamente essa questão em sua escrita. Moira ressalta que, com exceção das duas autobiografias e do livro de contos premiado pela Biblioteca Nacional em 1998, todos os outros foram produzidos e publicados antes de Ruddy assumir publicamente sua identidade como mulher. Mesmo assim, consideramos que Ruddy se enquadra na categoria de “transclasse” como defende Jaquet Chantal (2015). E como tal, ela pode definir como sua “voz” (Couldry, 2010) deveria ser organizada e publicizada.

Por outro lado, é curioso observar que a autora assinava seus trabalhos com o mesmo nome em toda a sua produção literária, o que sugere uma "continuidade" identitária trans, embora algumas partes das autobiografias e do livro de contos apresentem uma Ruddy diferente daquela que publicou os demais livros nos anos 1980 (Moira, 2018). A produção literária de Ruddy é bastante variada, com nove livros publicados, incluindo três livros de poesia, um de crônicas, três de contos e duas autobiografias. Seu legado como escritora trans no Brasil é marcado pela diversidade de temas abordados e pela capacidade de transitar entre diferentes gêneros literários.

METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos da pesquisa, foram utilizadas as fotografias de Ruddy no período do carnaval no Rio de Janeiro que aparecem nas duas obras autobiográficas selecionadas para este trabalho (Ruddy, 1997; 2007). Para a análise, procedemos a uma “queer-análise” (Preciado, 2018), de modo a perceber a fotografia como tecnologia de construção de corpos e subjetividades, apoiando no dispositivo das narrativas de vida e dos efeitos de real que o discurso imagético mobiliza.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A pesquisa se baseia em um arcabouço teórico interdisciplinar que combina estudos sobre gênero, fotografia, subjetividade, narrativas de vida, políticas do corpo e interseccionalidade. As teorias de Judith Butler (2003) sobre performatividade de gênero fornecem uma base sólida para compreender como a identidade de gênero é construída e expressa. As ideias de Susan Sontag (2004) sobre fotografia como forma de construir narrativas visuais e criar significados também são fundamentais para a análise das imagens capturadas nos carnavais.

ANÁLISE E PRINCIPAIS RESULTADOS

Os relatos de identidade sexual feitos por pessoas dissidentes de gênero e sexo trazem sempre a dúvida "menino ou menina?" pairando no ar, representando uma subjetividade que resiste e transcende qualquer definição externa. Ruddy, uma figura multifacetada, enfrentou essa questão ao longo de sua vida. Ela nasceu no interior de Minas Gerais em uma família rica de fazendeiros e migrou para Belo Horizonte quando seu pai enfrentou falência financeira. Adolescente, iniciou sua transição de gênero, frequentando a zona de prostituição e se travestindo, o que a levou a adquirir habilidades profissionais como cabeleireira.

A narrativa de vida de Ruddy revela que seu nome de batismo não foi revelado, mas foi através da sua experiência como cabeleireira das prostitutas em Belo Horizonte que ela foi nomeada como "Ruddy". Esse nome profissional acabou se tornando o nome de seu eu narrável, marcando uma mobilidade de identidade sexual e gênero. Ao longo de sua trajetória, Ruddy enfrentou o questionamento constante sobre sua identidade sexual, inclusive por parte de sua família. Enfrentou resistência do pai, que se angustiava com sua indefinição sexual, mas também encontrou apoio na família que, embora não compreendesse completamente sua situação, não a rejeitava.

O exercício teatral e o ambiente do teatro desempenharam um papel significativo na formação de sua identidade de gênero. Durante os ensaios para uma peça teatral, Ruddy se livrou dos maneirismos de travesti e pôde se sentir como uma mulher de verdade. Essas experiências moldaram sua identidade e a ajudaram a exercitar a mulher que havia dentro dela. No entanto, ao longo de sua vida, Ruddy continuou enfrentando desafios e questionamentos sobre sua identidade sexual. Ela relata que as pessoas sempre desejaram conferir seu verdadeiro sexo e que a sociedade hipócrita nunca acreditou que ela fosse realmente mulher. Essa luta constante pela identidade sexual fez parte de sua jornada como uma mulher trans no Brasil. O problema da identidade trans para as mulheres trans também é um problema, pois elas precisam se identificar com o sexo oposto para terem direito a uma vida digna (Borges, Bensusan, 2010).

Em suas obras literárias, Ruddy não revelou seu nome de batismo, mas através de suas narrativas de vida, ela expressou sua trajetória como uma pessoa trans em constante transformação. Sua experiência como cabeleireira, escritora e atriz foi permeada por questionamentos sobre sua identidade de gênero e sexo. Ao contar sua

história, Ruddy desafia normas e estereótipos de gênero, reafirmando sua unicidade e exclusividade como indivíduo.

Ao explorar a narrativa de vida (Machado, 2021) de Ruddy, percebemos como a identidade de gênero é um processo performativo, aprendido e construído socialmente, e não uma essência fixa e imutável. Ruddy enfrentou desafios e questionamentos ao longo de sua vida, mas também encontrou maneiras de exercitar e afirmar sua identidade feminina. Sua história é uma representação significativa da resiliência e coragem das pessoas dissidentes de gênero e sexo, que persistem em afirmar sua identidade em uma sociedade que muitas vezes as marginaliza. (Lima, 2022).

CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA

Para finalizar queremos reforçar a “persistência” que essas duas obras da transexual Ruddy representam para a construção de sua subjetividade como uma tranclasse mulher transexual. Se o “Liberdade ainda que profana” é a narrativa-da-transição, ele é, também, um registro de uma sociedade hipócrita, que exige o “aparecer no mundo” para poder segregá-lo em guetos, ou nos columbários. No “Não tão bela, nem tão louca”, Ruddy faz uso das fotografias para demonstrar o sucesso alcançado e, principalmente, exibir seu novo corpo feminino. Conforme ela registra, é um livro nascido dez anos depois de lançar “Certos movimentos de um coração”, em 1988, quando “jogou tudo para o alto” pela primeira vez e assumiu uma mudança visual e sexual.

CONCLUSÃO

A pesquisa sobre as fotografias de uma mulher trans durante os carnavais do Rio de Janeiro revelou a relevância dessas imagens na construção da identidade feminina, ao mesmo tempo em que iluminou a dinâmica de corpo-espetáculo presente nesse contexto festivo. As fotografias foram identificadas como importantes ferramentas para a afirmação e validação da identidade de gênero da participante, permitindo que ela se reconhecesse como parte do universo feminino retratado nas festividades. No entanto, as imagens também apontaram para a objetificação do corpo trans, refletindo os desafios enfrentados por indivíduos dessa comunidade na sociedade.

Esse estudo destaca a relevância de considerar as políticas do corpo e a interseccionalidade ao investigar as experiências de indivíduos trans em contextos festivos e performáticos. A pesquisa não apenas contribui para a compreensão acadêmica sobre gênero e fotografia, mas também oferece reflexões importantes para a sociedade em geral sobre a necessidade de respeitar a diversidade de identidades de gênero e promover espaços de celebração inclusivos e acolhedores para todos.

REFERÊNCIAS

BORGES, Fabiane; BENSUSAN, Hilan. **Breviário de Pornografia Esquisotrans para as pessoas do avesso**. Brasília: Ex Libris, 2010.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHAVES, Leocádia Aparecida. **A escrita autobiográfica trans como estratégia de resistência e organização**: vaga-lumes na escuridão de nosso tempo. Brasília: UnB, 2021. [Tese de Doutorado].

COULDRY, Nick. **Why voice matters**. Culture and Politics after Neoliberalism. London: Sage, 2010.

CHATAL, Jaquet. **Les transclasses ou la non-reproduction**. Paris: P.U.F., 2015.

LIMA, M. A. A. **Ruddy, a maravilhosa**: saga profissional de uma transclasse brasileira. In: IDA LUCIA MACHADO; ADRIANA DO CARMO FIGUEIREDO; MAIRA GUIMARÃES. (Org.). **Vozes femininas em narrativas de vida: olhares sobre sujeitos transclasses**. 1ed.Coimbra, Portugal: GRÁCIO EDITOR, 2022, v. , p. 257-276.

MACHADO, Ida Lucia. **Narrativas de vida**: saga familiar & sujeitos transclasses. Coimbra: Grácio, 2021.

MOIRA, Amara. “Transgressões da primeira autora trans”. **Suplemento Cultural do Diário Oficial do Estado**, s/l, 05 fev. 2018. Disponível em: <https://www.suplementopernambuco.com.br/artigos/2041-transgress%C3%B5es-da-primeiraautora-trans.html>. Acesso em: 22 março de 2022.

PRECIADO, Paul B. **Texto Junkie**. Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1 edições, 2018.

RUDDY. **Liberdade ainda que profana**. Rio de Janeiro: Razão Cultural, 1998.

RUDDY. **Nem tão bela, nem tão louca**. Rio de Janeiro: Nova Razão Cultural, 2007.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2004.